

**A HISTÓRIA DA LOUCURA EM CAMPINA GRANDE-PB (1963-2005):
ESTUDOS SOBRE O INSTITUTO CAMPINENSE DE NEUROPSIQUIATRIA E
REABILITAÇÃO FUNCIONAL – ICANERF (HOSPITAL DR. JOÃO
RIBEIRO).**

Maria do Socorro Silva (UFCG)

socorrinha_silva@hotmail.com

Iranilson de Oliveira Buriti (UFCG)

iran.ch@ufcg.edu.br

Conhecer a história das políticas de saúde mental, sobretudo a Reforma Psiquiátrica na Paraíba e relacioná-la à história de uma instituição psiquiátrica de importância no cenário da saúde mental campinense como o Instituto Campinense de Neuropsiquiatria e Reabilitação Funcional (1963-2005), desde o momento de sua inauguração ao descredenciamento do Hospital Dr. João Ribeiro (ICANERF), problematizando a constituição e a institucionalização destes campos de conhecimentos, sobretudo **investigar a emergência do saber médico - psiquiátrico em Campina Grande-PB**, significa registrar as memórias, identidades e práticas da instituição pública de saúde mental em Campina Grande-PB. Como pesquisadora e profissional da área de Ciências Humanas, é imprescindível conhecermos a história da Psiquiatria, devemos **discutir a Assistência e a Reforma Psiquiátrica, problematizando a relação com o cuidado do corpo e com o controle dos sujeitos “anormais”**, fazendo uma leitura crítica do vivido e já experimentado. Por isso a proposta de um estudo histórico se faz necessário. Como bem afirma Reis:

O historiador não pode ignorar o presente que o cerca, ele precisa olhar em torno de si, ter sensibilidade histórica de seu presente, para a partir dele, interrogar e explicar o passado. [...] Há interesse vivo do presente pelo passado [...] REIS (2000, p.86).

Conhecendo a história podemos **analisar de que forma o saber médico psiquiátrico tornou-se socialmente reconhecido em Campina Grande-PB**, buscando trazer para a sociedade, as pessoas que são designadas como “loucos”, são esquecidas, apagadas, expurgadas, simplesmente tornam-se invisíveis, sendo necessário o

reconhecimento e a dignidade dessas pessoas. A preocupação com o bem estar do doente mental, representava o poder de constituir, reforçar ou excluir identidades, pois, o que preocupava realmente a elite era se livrar de algo humilhante para a cidade adiantada. A leitura nos permite entender que a cidade de Campina Grande-PB, passava pela exclusão dos elementos nocivos ao progresso, entre os quais podemos destacar: os loucos e os epiléticos, estes passaram a sofrer um processo de marginalização social no contexto histórico, visavam à modernização da cidade por meio do cuidado de si e de um espaço higienizado.

A pesquisa irá nos permitir **problematizar como os sujeitos recepcionaram o corpo médico psiquiátrico que iria institucionalizar saberes a cerca do cuidado da família**, os campinenses enfrentaram os impactos sócio-culturais, provocados pela chegada do Hospital e do médico higienista mental. Estes sujeitos foram narrados (e constituídos) pela ação destes espaços coletivos. A escola criou categoria “aluno”, os Hospitais desenvolveram os processos de “internação”, assim como as clínicas diagnosticaram “os loucos”. Segundo Foucault ao narrar o campo de ação destes sujeitos estas instituições passaram a operar enquanto tecnologias de governo. Amparadas por estas instituições, a sociedade moderna produziu-se e projetou seu futuro. A contribuição de Foucault mais importante diz respeito à disciplinarização da sociedade que ocorreu na medida em que foi possível discutir a Assistência e a Reforma Psiquiátrica Nacional, Estadual e Municipal, problematizando a relação com o corpo e com o controle dos sujeitos “anormais”, surgiu uma:

(...) constituição, no nível de um estado, de uma consciência médica, controle e coação; exigências que compreendem objetos tantos relativos à política quanto propriamente da competência da Medicina (Foucault, 2004, p. 27)

Essa intervenção médica ocorreu de forma violenta e envolveu até mesmo o espaço urbano em si. Com a criação da Sociedade Médica de Higiene Mental (SPHM), que teve a sua fundação em 20 de outubro de 1961, na cidade de João Pessoa-PB, estabelecia no seu 1º artigo uma de suas principais finalidades:

Realizar estudos, observações e pesquisas sobre as causas determinantes das doenças mentais, inclusive prevenção, higiene mental, triagem, tratamento, internamento, assistência e readaptação social (FILHO 1998, p.122).

Sendo assim, foi possível a construção do primeiro grande Hospital Psiquiátrico Privado em Campina Grande-PB, constituindo-se no pioneirismo do psiquiatra paraibano Dr. João Ribeiro.

O começo das construções principais inicia em 29/11/1961, mas a data de sua inauguração oficial em 07/09/1963¹. A importância histórica do famoso Hospital Dr. João Ribeiro, não é somente pelo fato de seu pioneirismo entre os frenocômicos particulares, mas sim, **registrar as memórias, identidades e práticas acerca dos depoimentos de médicos, enfermeiras, assistentes sociais e internos**. Além disso, um importante aspecto positivo dos Estudos Culturais para uma abordagem das problemáticas da loucura diz respeito a constante busca pelos movimentos de reformas para a instituição psiquiátrica e resistência cultural, desde seus princípios fundadores até a época atual. As minorias são ouvidas; as manifestações populares e comunidades passam a ter voz; as práticas culturais de vanguarda são então estudadas sob perspectivas teóricas que buscam a significação / representação de suas identidades no contexto histórico e social onde se enquadram.

Podemos afirmar que essa capacidade dos Estudos Culturais – em articulação com os estudos de gêneros, a Sociologia, a Psicanálise e demais áreas afins que lidam com a humanidade e a identidade do louco – em enxergar as experiências culturais como uma transversalidade de práticas e enunciados que permite a construção de novos parâmetros de análise nos quais Psiquiatria e Loucura sejam percebidos como uma complexidade conceitual que comporta em si, mesma as noções de pós-moderno, contemporaneidade, transgressão, arte e poesia, sem que ninguém se choque ou reprima; um universo em que os discursos são (re)inventados o tempo todo, refletindo-se nas produções culturais em todas as suas nuances – imaginéticas, audiovisuais, estéticas,

¹ Sobre o assunto vê Edvaldo Brilhante Filho, 1998, in História da Psiquiatria da Paraíba.

² Grifo Meu. Sobre as obras de Foucault, inserida no contexto do projeto, não tenho conhecimentos profundos sobre as mesmas.

literárias, poéticas. Enfim, um espaço para o louco, onde os estudos culturais encontram um sem-fim de possibilidades para o mergulho possível e arriscamos dizer, necessário.

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo central **discutir a História da Loucura em Campina Grande-PB, no período de 1963 a 2005**, porque quando o historiador começa uma pesquisa ele tem fatos, questões informações e perguntas. A própria cidade se problematiza, vamos encontrar outros territórios. Pensaremos também a partir de Certeau, (2007, p.65-119): o lugar temporal; lugar espacial; lugar institucional e o lugar social, a partir desse mapeamento que vamos descobrir o diálogo com quem falar e para quem falar. É feito o deslocamento, a pertinência (...) poderemos utilizar dessas regras para nos libertar, fazer relatos diferentes, construir diferenças.

Segundo Woodward (2000, p. 41), “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentes na forma de oposições (...) a marcação da diferença é, assim, o componente - chave em qualquer sistema de classificação”. A classificação a partir de “oposições binárias” como nós/eles, jovem/velho, rico/pobre, bom/mau, desenvolvidos/primitivos, racionais/irracionais, heterossexual/homossexual e outras, não são compreendida em situação de igualdade. Nestes dualismos, há prevalência de um termo sobre o outro, sendo que o primeiro, considerado culturalmente incluído, correto, ou melhor, exerce poder sobre o segundo. Silva (2000,p.81) afirma que:

(...) na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado, aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder (...).

A partir da representação, inserida num sistema de significação que lhe dá sentido, classificamos a diversidade, definindo qual “a identidade” esperada, quem está incluído e quem está excluído. Dessa forma, representar é exercer o poder em termos culturais e simbólicos. O outro está sempre presente, pois a identidade depende da diferença, assim como a diferença depende da identidade. A identidade e a diferença são

criações sociais e culturais, estabelecida de forma relacional, a partir de marcações simbólicas.

O Hospital Dr. João Ribeiro – Campina Grande-PB, torna-se objeto de estudo deste trabalho, pela necessidade de algo que se instala e silencia, as enunciações discursivas sobre a História da Psiquiatria, necessariamente “os anormais” no contexto historiográfico de um lugar social Certeau, (2007).

Através da elaboração no nosso projeto de pesquisa, discutiremos sobre a História da Loucura em Campina Grande-PB (ICANERF – 1963-2005), em um contexto histórico e cultural, relacionando como a loucura é significada pela nossa sociedade ao longo do tempo.

Buscamos discutir os conceitos de loucura, anormal, disciplina, identidades, movimentos da Reforma Psiquiátrica e outros, fazendo uma reflexão no processo de institucionalização, visando questões, como a perda da identidade para o ser institucionalizado, de modo a estabelecer um diálogo entre as fontes e a teoria. Assim, a partir de Foucault, procuramos definir alguns conceitos. Uma de nossas primeiras atividades foram a delimitação da Operação Historiográfica e trajetórias, artes de fazer, espaços, táticas com base em CERTEAU de fev - ago. de 2009, JOSÉ CARLOS REIS (2004), SANDRA J. PESAVENTO (2005), ROBERTO MACHADO (1978), STUART HALL (2000), TOMAZ TADEU DA SILVA (2000), KATHRYN WOODWARD (2000), RENATO KEHL (1929), PAULO AMARANTE (1994) e outros.

Segundo Pesavento (2005, p. 114): (...) o ponto de vista da História, a cidade se torna, mais do que um espaço, um tempo qualificado (...). Assim, a problematização de temática como a História da Loucura em Campina Grande-PB, é lançar um olhar e ampliar as fontes documentais, como também, faz-se necessária uma nova representação do tempo pesquisado, vejamos REIS: (2000, p. 146): (...) A História dos Annales operou e transformou a maneira de o homem enxergar a si próprio no tempo (...) (...) ela criou o conceito de “longa duração”, que integra e não exclui o evento.

Com a Nova História Cultural, houve um deslocamento e ampliação do conceito de fontes e de objeto, passível de ser investigado no campo da historiografia. Com os

deslocamentos da História Cultural, permitiu um novo olhar sobre fontes e objetos, re-significando a narrativa do objeto estudado, temas considerados não-pronunciáveis como a loucura, médico higienista mental, sanitarismo, doença, etc., com a substituição da Escola dos Annales pela Nova História Cultural foi possível mobilizar os profissionais da História a pronunciar-se.

Com a descoberta da microbiologia (Louis Pasteur), que embasa a medicina social. A invenção de outras técnicas curativas, para as doenças epidêmicas do século XIX, tiveram o papel biologizar a política. Passa-se a ditar normas de curar e regras higiênicas. Surgem os médicos higienista. Pensar o movimento eugenista, na sociedade brasileira, exige que se considere que o racismo e as teorias degeneracionistas já faziam sucesso entre os intelectuais e os médicos brasileiros, desde o século XIX.

A idéia da miscigenação, como impedimento para o desenvolvimento do país, é adotada pelos médicos da Faculdade de Medicina de Salvador. Acreditavam que a mistura de raças proporcionava a loucura, a criminalidade e a doença. Para Renato Kehl (1920, p. 29):

A eugenia representava muito mais que sinal de modernidade cultural, “ela é mais que ciência, é religião, religião da saúde, do corpo e do espírito – a verdadeira religião da humanidade”. Devido as possibilidades que a eugenia oferecia como instrumento para regenerar a saúde física, mental e moral da população, os médicos psiquiatras associados a Liga Brasileira de Higiene Mental assumiram o ideário científico da eugenia como discurso fundamental de seus projetos. Em grande medida isso ocorreu porque os problemas sociais como a criminalidade, delinquência, prostituição, doenças mentais, vícios e pobreza eram cada vez mais associados ao patrimônio hereditário, o que fazia com que os intelectuais e boa parte da elite acreditasse no importante papel que a eugenia – a verdadeira ciência da hereditariedade – poderia desempenhar para regenerar a raça nacional.

Somente no período pós-guerra desponta um cenário propício para o surgimento dos movimentos reformistas da psiquiatria na contemporaneidade. Começam a surgir, questionamentos quanto ao modelo hospital psiquiátrico, apontado para a necessidade de reformulação. Para garantir seu funcionamento, o modelo hospitalar necessitava da

instauração de medidas disciplinares que viessem garantir a nova ordem. Assim, Foucault (1982): “A cidade com suas principais variáveis espaciais aparece como um objeto a medicalizar”. Dentro desse espaço esquadrihado, percebe-se uma institucionalização das relações exercidas, tornando-se um mundo à parte, afastando cada vez mais o indivíduo de suas relações exteriores.

Na década de 60 em Campina Grande-PB, os discursos de modernidade já era uma realidade da elite campinense, com o crescimento da cidade, consolidou (...) o que se justifica pelo crescimento da cidade como grande centro comercial, que concorreu para o crescimento populacional, e posteriormente a instalação de várias indústrias neste período (Câmara, 1998, p. 123). Considerando o contexto de desenvolvimento pelo qual passava a cidade de Campina Grande, através das práticas cotidianas (Certeau), fez necessário a **emergência do discurso sobre os “anormais” do Hospital Dr. João Ribeiro, enfatizando a importância do médico de higiene mental para a cidade de Campina Grande-PB**. O discurso que alimenta esse sistema percebe os loucos como seres perigosos e inconvenientes que, em função de sua doença, não conseguem conviver de acordo com as normas sociais. Retira-se, então, desse sujeito todo o saber acerca de si próprio e daquilo que seria sua doença, ao mesmo tempo em que se delegam esse saber ao especialista. Neste discurso aprende-se que não se pode falar tudo o que se quer e que nossa fala está determinada pela circunstância e pelo lugar do sujeito que ocupamos nas relações sociais. Pode-se lembrar que o autor, em o Nascimento da Clínica (1980), busca a valorização simbólica do discurso do louco, que não é ouvido ou, quando ouvido, tem o peso da profecia/maldição. A cidade de Campina Grande subdesenvolvido, com um modelo de assistência à saúde centrado na prática curativa e assistencialista, foi fácil transformar a doença mental em mercadoria rentável. Ao se associar a lógica do capital (lucro) à lógica do modelo manicomial (poder disciplinar), não é difícil perceber que a “assistência” limitava-se ao mínimo que fosse preciso para manter os loucos sob dominação, sem precisar gastar muito.

Na década de 70, não suportando a busca desenfreada pelo lucro dos empresários da saúde, a previdência social entra em crise, mostrando a ineficiência desse modelo e apontando para a necessidade de reformulação. Vale ressaltar que esses

questionamentos vieram à tona em meio a um quadro político e econômico específico, caracterizado pelo fim do “milagre econômico”. Ocorre abertura gradual após anos de ditadura, permitindo a entrada em cena de novos atores, dando vez à manifestação das críticas e denúncias dos trabalhadores de saúde mental e outros setores da sociedade civil contra a precária assistência prestada aos doentes mentais. As noções de luta e de fragmentação da experiência da loucura, e a crítica a uma visão progressista, contínua e total da história podem ser percebidas no seguinte trecho:

A experiência trágica e cósmica da loucura viu-se mascarada pelos privilégios exclusivos de uma consciência crítica. É por isso que a experiência clássica, é através dela a experiência moderna da loucura, não pode ser entendida como uma figura total, que finalmente chegaria, por esse caminho, à sua verdade positiva: é uma figura fragmentária que, de modo abusivo, se apresenta como exaustiva; é um conjunto desequilibrado por tudo aquilo de que carece, isto é, por tudo aquilo que o oculta. Sob a ciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma abafada consciência trágica não deixou de ficar em vigília (FOUCAULT 1997, p. 28-29).

Destaquei essas palavras porque gostaria de tornar o próprio texto de Foucault como um discurso e, dessa maneira, não tratá-lo como um conjunto de signos que é sempre remetido a conteúdos ou a representações, mas como uma prática que forma os objetos de que fala. Ainda, seguindo Foucault, descrever um discurso não é revelar uma interpretação ou descobrir um fundamento, mas estabelecer uma positividade (Foucault, 1986, p.144), já que ele constitui, molda, produz o objeto que recorta. Assim, mais do que entender o texto de Foucault como um reflexo ou uma representação de um dado contexto ou de uma realidade social, tentarei ficar no nível do próprio discurso e atentar para a importância das palavras que, nesse trecho, demonstram a opção do filósofo por uma interpretação que problematiza uma noção progressista e contínua da história e propõe a utilização de conceitos como luta, descontinuidade e fragmentação.

É, portanto, no seu livro “**Vigiar e Punir**” que Foucault dará um novo e definitivo passo na busca do pensar de outra forma diferente das formações históricas, onde ele pondera que essa referência não exclui outras possíveis já que não é única, quer no sentido do curso sucessivo do tempo, quer no âmbito interno de uma época.

O processo de desinstitucionalização de pessoas longamente internas vem produzindo mudanças importantes na rede de saúde no Brasil e especialmente na rede de atenção à saúde mental em Campina Grande-PB. Na perspectiva de elucidar a configuração dos saberes, sua origem, seu funcionamento, e ainda demonstrar de que modo esta configuração está vinculada a modos de exercícios do poder, Foucault realça as correlações entre os discursos e a estrutura social.

A genealogia foucaultiana encara o poder tal como este o é de fato. Não procura explicar, mas expõe o que acontece. De modo a nos tornar familiar esse discurso de fatos que destroem idéias e evidências anteriores, bem como referências que apenas escondem os fatos. Conforme observou Cunha, em sua pesquisa sobre o Juquery, para além do “discurso normativo e homogeneizante” do saber psiquiátrico foi possível identificar nas práticas asilares cotidianas **“as diferenças sociais, raciais e de gênero”, o que, portanto, “ apenas num sentido limitado nivela pobres e ricos, homens e mulheres, negros e brancos na mesma condição de sujeição”, determinada pela Situação de internação** (CUNHA 1989, p.144). O corpo político é o conjunto dos elementos materiais e técnicos que servem de armas, prolongamentos, pontos de apoio às relações de poder sobre outros corpos, gerando as prescrições, as reformas, as disciplinas, etc.

Segundo Foucault, a anatomia desenvolve seus efeitos segundo três direções privilegiadas: o poder, o corpo e o saber. Essas direções não são isoladas uma das outras, pois, correlacionam-se. O Município de Campina Grande-PB, vem experimentando este processo de mudança, município respondia a grande parte da demanda de saúde mental da região através de dois hospitais psiquiátricos, o Hospital Dr. João Ribeiro e o Hospital Dr. Maia, ambos de médio porte. Após reiteradas avaliações negativas do PNASH/Psiquiatria, começa a tomar curso o processo de desinstitucionalização dos 176 pacientes do Hospital Dr. João Ribeiro e de seu descredenciamento do serviço da rede SUS (Relatório de Psiquiatria no Brasil). Esse fenômeno é importante porque comporta novas significações. Se os novos hospitais não são muito diferentes, em sua estrutura, dos antigos e as condições jurídicas do internamento não mudaram, bem como tais hospitais novos não dão um lugar melhor

para a medicina, o fundamental é que esse movimento isola asilos especialmente destinados a loucos. A loucura ganha um sentido próprio e específico, tornando-se autônoma do desatino, com o qual ela estava confusamente misturada.

Um projeto sai vitorioso e cria lugar específico e uma nova forma de se relacionar com a loucura, para a sociedade “onde tudo o que há de estranho no homem seria sufocado e reduzido ao silêncio”. (Foucault, 1997, p. 428).

Bem ao modo de uma história do pensamento e de uma filosofia da relação, ele partiu de uma figura ou um projeto dado ou acabado e, a partir daí, fez a sua história, mas ele atentou para os mecanismos e as práticas que produziram o objeto, ou seja, o louco. Dito de outra forma, Foucault atentou para as condições de possibilidade para o aparecimento da psicologia, esse fato cultural que é próprio do mundo ocidental desde o século XIX, que produziu o louco do mundo moderno. Assim sendo, observamos a seguir um trecho do depoimento da psicóloga Vitória Maria Barbosa da cidade de Campina Grande-PB, texto lido na Câmara Municipal em ocasião da sessão especial do dia Nacional da Luta Antimanicomial em 24 de maio 2002, no qual através desse depoimento, foi possível desencadear a mobilidade da comunidade para a Reforma Psiquiátrica e mudar efetivamente a qualidade de vida e da assistência prestada em saúde mental à população.

(...) foi cheia de interrogações que lá entrei. Atrás das grades, eles pressentem, apesar da loucura, que tem ali pessoas novas e gritam, e pedem, tentam conversar: “um cigarro!”, “um real!”, uma fala: “hoje é o aniversário de minha filha! ela tem dezesseis anos, é, eu tenho uma, homens velhos, homens nus, homens atrás das grades. verdade ou loucura? ala dos contidos, amarrados pelos braços e pernas, soro nas veias, alguns sem roupa, num sono de morte. na pele de alguns, dá para perceber as feridas de uma possível tentativa de liberdade almas amarradas verdade ou loucura?

Com o seu nascimento, a psicologia produz uma nova relação que, a partir de então, passa a constituir o ser humano: o homem detém em seu interior a sua própria verdade. O louco também é detentor da sua verdade, mas essa verdade está oculta e, como ele não consegue alcançá-la, nem decifra-la, então ele clama desesperadamente

para que ela seja, enfim, revelada. Quem atenderá a esse chamado? Está construído o campo que possibilita à psicologia tratar o louco e interná-lo em seus confinamentos.

FONTES:

Revista de História da Biblioteca Nacional - ano 1, n.2 / agosto(2005) Jornais: O Momento / Diário da Borborema / Jornal da Paraíba / Jornal Correio da Paraíba / Pesquisa em Arquivos Públicos e Privados/ Internet/ Arquivos online / Relatório Nacional sobre Psiquiatria – Ministério da Saúde – Gestão 2003 – 2006: Brasília, 2007, 85 p.

BIBLIOGRAFIAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR. **Cartografias de Foucault. In: Uma cartografia das margens** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 9-12.

_____. **Cartografias de Foucault. In: As margens d'O Mediterrâneo. Michel Foucault, historiador dos espaços** (2008, p. 93-107).

AMARANTE, Paulo D. de Carvalho (org). **Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: ed. da FIOCRUZ, 1994.

_____. **Psiquiatria Social e Colônia de Alienados, 1830-1920**, RJ, UERJ/MIS, 1982 – Tese de Mestrado.

_____. **Loucos pela Vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil**, Rio de Janeiro, SDE/ENSP. 1995.

CERTEAU, Michel. “**A Operação Historiográfica**”, In: A Escrita da História, RJ, Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

_____. **A Invenção do Cotidiano 1. In: Uma cultura muito ordinária – Primeira parte**, Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A visão do historiador modernista**. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000, p.215-218

CÂMARA, e. Datas campinenses, Campina Grande: Editora Caravela, 1998.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery** na São Paulo do início do século XX – Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, n. 18, p. 121-144 – 1989.

_____. **O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação – Bauru**, SP: EDUSC, 2002.

FREIRE, Jurandir. **História da Psiquiatria no Brasil**, Rio de Janeiro, Graal, 1978.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. 6. ed., Rio de Janeiro: Forense, 2004.

_____. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- _____. **A História da Loucura na Idade Clássica**, 1997. São Paulo, Perspectiva.
- _____. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 7. ed., Petrópolis, vozes, 1977.
- _____. **Arqueologia do Saber**. 1986. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro. Graal, 1982.
- FORTES, Louro. **Cartografias de Foucault**. In: **Clínica da saúde e biopolítica** – orgs. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Alfredo Veiga-Neto, Alípio de Souza Filho – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 199-213.
- FILHO, Edvaldo Brilhante Silva. **História da Psiquiatria na Paraíba** – João Pessoa: Santa Clara, 1998.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LUZ, Madel T. **Medicina e ordem política brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- MACHADO, Roberto. **A danação da Norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MUCHAIL. S.T. “Olhares e dizeres”, in: Foucault, simplesmente. São Paulo: Loyola, 2004.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**: SP; Paz e Terra, 2000 p.103 -133.
- REIS, R. F. **Higiene Mental e Eugenia: O Projeto de “Regeneração Nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, IFCH/Unicamp, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
- VEYNE, P. **Como se escreve a história**, tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual (2005)**, In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000, p. 7-72.